

pelo trabalho de altíssimo nível que realizou e de que é prova o invulgar artigo sobre representações da masculinidade em Camilo Castelo Branco, que é publicado neste volume, um dos seus últimos estudos de fôlego.

Tomei conhecimento do mal que terminou por afastá-lo tão cedo, com 50 anos incompletos, do nosso convívio num telefonema que fiz de Portugal para pedir-lhe que presidisse o júri de mestrado de uma orientanda minha. Começava o ano de 2006. Ele disse sim e comunicou-me o fato. A notícia caiu-me como uma bomba. Mas ele estava determinado a lutar: "Isto é para valentes", dizia. Ainda viveu dois anos. Faleceu em 14 de Fevereiro de 2008.

No correr daquele ano (2006), quando eu já estava de volta ao Brasil, mandou-me por email um texto sobre Camilo que tinha acabado de escrever. José Carlos perguntava o que eu achava, se tinha alguma sugestão a fazer. Escrevi imediatamente ao Sérgio Sousa enviando-lhe o trabalho do José Carlos, que foi acolhido com entusiasmo e é agora publicado. Desde então José Carlos volta e meia perguntava-me: "quando vai sair o livro sobre Camilo?", ao que eu lhe respondia "brevemente".

Pois bem, José Carlos, não viveste para ver o livro... Nós, agora e sempre, temos a honra de estar ao teu lado neste belo ensaio, vazado no teu melhor e mais puro estilo, com uma visão tão singular dos dramas capitais da sociedade portuguesa do Oitocentos, representados literariamente por Camilo. Ainda me lembro de algumas das nossas conversas. E dos momentos em que pude contar contigo nos embates e inquietações da vida universitária. Convivemos apenas quatro anos na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Neste breve tempo, soubeste ser hábil, mas também valente ao teu modo, e nunca faltou-me a tua mão estendida de Amigo.

Fica aqui para sempre registrada a minha gratidão.

SÉRGIO NAZAR DAVID
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Torres Feijó, Elias J. "Desejo, concupiscência e estabilidade social: os Vulcões de lama humanos e os ilusórios remédios divinos". Sérgio Guimarães de Sousa; José Cândido Oliveira Martins (ed.). *Leituras do Desejo em Camilo Castelo Branco*. Guimarães. Opera Omnia, 2010, 15-53.

Desejo, concupiscência e estabilidade social: os *Vulcões de lama* humanos e os ilusórios remédios divinos

ELIAS J. TORRES FEIJÓ

Grupo GALABRA – Universidade de Santiago de Compostela

A partir do tema proposto para este volume, tratar a concupiscência na obra de Camilo constitui umha focalização de interesse e pertinente para apreciarmos a visom do mundo que transmite. Em termos gerais, concupiscência significa o impulso do ser para conseguir a sua satisfação. Em termos mais específicos, da moral católica, a concupiscência é a propensom a obrar o mal, invocada como consequência do pecado original cometido por Adam e Eva, os primeiros da espécie humana. A tradição católica, aliás, na sua insistência moral sobre a conduta sexual das pessoas, fijo quase sinónima a concupiscência do desejo e da procura do prazer sexuais, normalmente produto da desordem, ainda sem abandonar outras classes de desejos na sua construção ideológica.

Com esta focagem, unimos, pois, o assunto (o desejo) e umha determinada moral, a católica. A uniom nom é gratuita: polo menos na época de Camilo, essa é a moral dominante; a obra camiliana tem como principal *leit-motiv* o desejo, particularmente o erótico e o sexual. Camilo tem no Catolicismo a sua fonte última de consolo¹ e remédio, polo menos nas suas obras.

¹ E, mais em concreto, como certamente assinalava Luís de Sosa Rebelo (1951: 37): "a compaixão e o sacrificio envolvidos pela consolação; qualquer coisa reaccionária".

Apesar de que, pela índole do assunto, implicitamente, muitas obras de Camilo estejam neste trabalho convocadas, selecionei como *corpus* os *Vulcões* [*Vulcoens* no original] *de lama*², para poder fazer o tema abrangível. A selecção deste romance obedece a várias razões: foi publicado quando o combate pela canonização da sua obra frente à dos realistas (que, aliás, tanto trataram a concupiscência) estava perdido no campo literário do momento³; coloca vários conflitos em que diferentes desejos movem as personagens, sob o título *Vulcões de lama*, palavra que, na nossa cultura, tem como é sabido um uso reflectindo qualquer coisa vinculada ao sujo, ao mau, ao ética ou moralmente reprovável por umha comunidade. Pode ter algum carácter *testamentário* da obra camiliana para os receptores da época, nom por ter sido o seu último romance (coisa que os seus leitores nom sabiam e nom sabemos se Camilo assim o premeditara), mas porque nunca antes, desde que se editara o *Anátema*, o público português tivera que esperar tanto por um novo romance ou umha nova novela camilianos. E, sobretudo, porque é apresentado como a súpula das paixões desordenadas ou, se assim o aceitarem, da concupiscência, já desde o título e da sua razão, assim enunciada no paratexto inicial, que Camilo concebeu também como publicidade da obra (Branco 1923: 74) (861):

Ordinariamente quando, em estilo metafórico, usamos comparar as fêrvidas paixões de alguns homens aos vulcões, a comparação vai buscar o símile às crateras do Etna, do Hecla e do Vesúvio. Presume-se pois que os antros do coração humano refolegam fogo de paixões assoladoras como os intestinos do nosso globo jorram arroios de lava candente que subvertem, devastam, devoram, pulverizam ou petrificam toda a natureza viva e morta que abrangem nos seus braços de lavaredas.

² Utilizo a edição de Lello e Irmão & Editores, Porto, vol. VIII, 1988. Nas citações colocarei entre parênteses o número de página.

³ *Vulcões de lama* pode ser lido tomando como base várias perspectivas de recepção. Umha das mais importantes é a de vinculá-la à sequência de *Eusébio Macário*, *A Corja* e *A Brasileira de Prazins* (ainda que muito menos), os romances em que Camilo envereda por umha via crítica com o realismo, mui presente na sua obra, tratando com dureza e rudeza os assuntos de que versa. Desde as primeiras páginas, nom seria estranho que os seus leitores habituais colocassem os *Vulcões* nessa linha receptiva. Talvez o fracasso da recepção da obra, em relação com *A Brasileira de Prazins*, haja que procurá-lo precisamente nessa sequência, onde parte do público sentiria ultrapassado o romance, em parte repetitivo a respeito da linha empreendida; e até parte entenderia que a estratégia ambígua de Camilo, que dera bons resultados n'*A Brasileira*, por isso mesmo já nom se poderia manter em casos como o de *Vulcões*.

Todavia, há aí na casca do planeta paixões cujo símile não dá o Vesúvio, o Hecla nem o Etna. É de Java que ele vem – de Java onde estuam convulsionados uns vulcões de lama que expluem o seu lodo sobre as coisas e as pessoas, primeiro emporcalhando-as, depois asfixiando-as na sua esterqueira espapaçada.

Neste romance estão em actividade permanente, sempre acesas, as crateras das paixões da alma – vulcões de lama, enfim.

Tal é a razão do título.

Para a análise proposta, e tendo em conta o carácter passional da temática camiliana⁴, nom podemos perder de vista a própria acepção do desejo em si como um movimento afectivo dirigido a umha pessoa de carácter sexual e/ou erótico. Como tampouco devemos esquecer o entendimento de que o Romantismo, como movimento ideológico, conheceu, entre os seus impulsores, pessoas que defenderom o desejo, e, mais em concreto, este tipo de desejo, como um dos guias fundamentais da conduta humana: seguir as paixões e considerá-las por cima doutros elementos ou categorias (como as racionais), e fazer delas fórmulas privilegiadas de ver, classificar e actuar no mundo. Assim, o desejo seria um regulador da conduta humana, com poucos limites ou mesmo sem eles. O que tem, como sabem, repercussões importantes, na nossa vida quotidiana: por exemplo, numha relação entre três pessoas, em que duas delas (A e B) constituem um par e a terceira (C) é amiga íntima dum dos dous elementos do par (B), C apaixona-se por A: que *deve* fazer C?; se colocar acima da sua amizade com B a sua paixão por A actua, digamos, *modo romântico*; mais: as pessoas comumente veriam nessa acção umha acção romântica (esta ideologia calhou assim nas várias esferas sociais), com independência da aprovação ou nom da solução. Se C colocar a amizade por cima, poderíamos mesmo em parte qualificar de *modo ilustrado* a sua conduta; certamente, por colocar a amizade por cima, mas também por nom provocar, nesta esfera, umha instabilidade social. Perguntas similares caberiam sobre a atitude de B.

Note-se, pois, que a questão do desejo determina nom apenas comportamentos individuais mas, conseqüentemente, modos relacio-

⁴ Sobre o carácter da paixão na obra de Camilo e a sua tipologia podem consultar-se os trabalhos de Dulce M. Viana Mindlin (1995) e Maria Alzira Seixo (1995).

nais colectivos, que afectam a maneira em que umha sociedade funciona. Bastaria repassar as opiniões habituais sobre as condutas de determinados colectivos (por exemplo, “os jovens de hoje em dia”) para entendermos a importância deste assunto.

Em ocasiões, os escritores aparecem como (ou som usados como) grandes fabricantes, promotores ou transmissores de ideias, que acabam por conformar mentalidades sociais colectivas. Destarte, eles, as suas tomadas de posição, influenciam o pensamento e a acção das comunidades. É difícil saber qual a influência da vida e obra de Camilo nas pessoas, na sua época e mesmo a sua influência na actual; mas parece claro que elas deverom ter algum impacte em alguns grupos sociais, julgando polo volume de vendas e empréstimo das suas obras, pola repercussom da sua vida nos meios de comunicação da altura, polos múltiplos comentários que a sua obra levantou e, até, polos muitos elogios e críticas que recebeu.

Na sociedade portuguesa coeva de Camilo Castelo Branco que tinha algum conhecimento do escritor (e, a partir desse momento, na sociedade portuguesa posterior), ele passou como um homem movido polo desejo e pola paixão, se atribuirmos a esta última palavra alguma sinonímia com desejo e, ao mesmo tempo, a entendermos como um modo de agir determinado por esse desejo. Os seus romances e a sua vida foram sistematicamente incluídos na esfera do passional. Na fabricação da memória da sua obra e vida, o *Amor de perdição* e o episódio do rapto e convivência com Ana Plácido assomam como os dous feitos mais singulares e sobressalientes delas: dous episódios nitidamente vertebrados pola paixom, conduzidos polo desejo. *Amor de perdição*, aliás, tornou-se ainda um livro célebre polas suas adaptações televisivas e cinematográficas, sendo, como se sabe, o mais lido e requisitado nas bibliotecas de Portugal.

O assunto proposto é, pois, ao constituir um eixo vertebrador dos argumentos e estruturas da obra camiliana, extremamente oportuno para conhecer a funcionalidade da obra camiliana e, até, em parte, do ser camiliano. Em função de como o desejo seja tratado na obra de Camilo, poderemos conhecer aspectos da ideologia transmitida por Camilo (nom, exactamente, a ideologia de Camilo) na sua obra e os modos em que interpreta o mundo e os conflitos. Em relação ao desejo, certamente, mas,

também, em relação à concepção que veicula do mundo, dos valores, do sentido da vida.

Já em alguns outros trabalhos (Torres Feijó 2003a e 2003b) sustentei que a personagem fundamental para interpretar a mundivisom camiliana através dos seus romances e novelas é a Providência Divina, incarnada habitualmente num padre, embora nom sempre. Nom significa isto que todos os padres sejam a encarnação dessa providência; nem que sempre a incarnem: há padres devassos, estúpidos, ridículos, etc. Mas a “solução divina”, ao aparecer, é sobretudo através deles que aparece⁵. Há umha “Providência divina” a actuar sempre para remediar ou corrigir os erros humanos. Se nom a houver, pode esperar-se a catástrofe. Umha justiça divina, por vezes a actuar através da fé dumha personagem, mas em muitas ocasiões incarnada, por meio dessa mesma fé, num mediador, que se enfrenta a umha justiça humana ou inexistente ou, a existir, insuficiente ou equivocada. Em muitas obras camilianas, a Providência divina intervém através dum mediador, dumha personagem munida de fé e de determinados valores que pode corrigir ou paliar o mal. Estas personagens, padres na imensa maioria das ocasiões, som crentes, afastadas e até contrárias a qualquer fanatismo, boas, pacientes, sofredoras e consoladoras. Costumam ser autênticos agentes de regulação social, os que impedem que o mundo nom desabe definitivamente, propostos como os melhores pedagogos, educadores, juizes, etc., e até como os melhores médicos, sem dúvida polo menos da alma, frente ao pouco remédio ou mesmo desatino de muitos... A justiça divina coloca a perspectiva do mundo de modo diferente ao humano, errado a nom ser que seja inspirado por aquela. Ou, entom, dá umha solução diferente à humana ou tem umha solução que a humana, no seu fracasso, nom tem. Faz com que a religiom apareça como o único mecanismo que pode articular e equilibrar a sociedade. É a mostra, pois, de que o mundo é irresolúvel e que nom se pode esperar progresso algum por parte dos humanos. De que a única solução é a consolação divina, a fé; solução que, em muitos

⁵ Com acerto, nas suas linhas gerais, comentara Alexandre Cabral (1984: 169) sobre Camilo que “a regra de ouro do seu universo romanescos é a inalterabilidade”, nom pondo “nunca em causa a organização do universo”, o que, em boa medida, também acontecerá neste seu último romance.

casos é ilusória: o conflito nom se resolve por sua intervençom; acaba por sublimar-se⁶. Mais umha razom, necessária, para a escolha de *Vulções de lama*: na obra, como em muitas obras de Camilo, há um padre agente da providência divina: Frei Joaquim da Cruz Sagrada.

Partimos, pois, de que a mundivisom camiliana é deduzível da atitude que os padres *bons*, munidos da fe e da fortaleza das suas crenças e inspirados pola providência divina, temem perante os problemas sociais que enfrentam. É de que, em todo o caso, nas suas obras, o *bem* se situa no modo de ver e actuar no mundo desses padres bons. Tomamos igualmente como base que a paixão e o desejo foram elementos chave na vida e na obra camilianas, tal como vista polos seus receptores; e que, num quadro ideológico romântico, o desejo e a paixom podem vir a ser fatais, mas temem cabida como os impulsos mais importantes e valorizados, considerados os autênticos sentimentos e modos de estar no mundo que o ser humano deve seguir; e, nom deve esquecer-se, os que permitem umha nova fórmula de mobilidade social ou, se se preferir, de quebrar as barreiras sociais consideradas injustas.

Portanto, o objecto de estudo deste trabalho configura-se assim: desvendar a mundivisom camiliana através da análise da atitude dum *padre bom*, agente da justiça divina, perante a paixão e o desejo das pessoas/personagens com quem convive e o eventual carácter concupiscente destes.

1. Qual o crime desestabilizador em *Vulções de lama*?

Numha determinada perspectiva de leitura pareceria que todo o enredo dos *Vulções de lama* resulta da materializaçom dum desejo carnal: o da relaçom entre o padre Hilário e Balbina. Esse é um acto duplamente

⁶ Lembremos como *A Brasileira de Prazins*, a sua derradeira obra de sucesso, acaba com um ataque ao realismo num romance de claro niilismo social, em que apenas a figura do padre Justino mantém em pé aquele mundo: “deixaremos este mundo tolo e mau, tal qual era quando cá entrámos” –, escrevia Camilo aos seus 57 anos, umha declaraçom que, em tempos de ascenso dos anticlericais realismo e socialismo, como propostas de análise e melhora social, também através da literatura, ganhava maior força opositora a eles.

condenável na moral camiliana: Balbina é umha mulher casada, e a sua atitude e a do padre Hilário alterariam a harmonia matrimonial e, sobretudo, social que dela se depreende⁷. Naturalmente, no esquema católico e ainda social da cultura em que se movem, o seu é um acto pecaminoso também duplamente: adultério e quebra do voto de castidade; mas nom é o pecado em si o que está em jogo e sim os efeitos individuais e sociais dumha acçom guiada polo desejo que nom é coroada por umha soluçom reequilibradora ou evitadora da desordem social. O pecado pode ou nom produzir remorsos nas pessoas que os cometem. No caso de *Vulções*, em princípio, nom parecem produzi-los em Hilário e, até que se desencadeiam outros acontecimentos, tampouco em Balbina, ao menos decisivamente.

Ora, esse pecado e essa materializaçom do desejo nom causou alteraçom nengumha no equilíbrio social de Fervedo⁸. Logo nas primeiras páginas, o narrador insinua que o filho de Balbina nom o é biologicamente do seu homem, o lavrador Rodrigues, mas do seu compadre o padre Hilário. E aduz os comentários das “línguas naturalistas” da povoaçom, que chamavam ao rapaz, Artur, o *padre pequeno* e ao Rodrigues o *cuco grande* (864). Sem juízos morais transcendentais sobre o assunto, visto este com relativa normalidade e distância irónica, sem vir a constituir assunto bastante para configurar um relato, prossegue o narrador:

Chalaças brutas de aldeia que, transplantadas para a cidade e rendilhadas de estilo figurado, podiam ser citadas como exemplos de *humorismo* português – uma espe-

⁷ Neste caso, interessa salientar que os problemas estão mais vinculados à ordem social que à moral (que só se vai manifestar, em Balbina, quando Artur se negue a casar com Doroteia): os lavradores que queriam espancar Hilário nom actuam motivados porque este cometeu umha falta contra a moral católica; nem Camilo condena em Hilário o facto pola sua condiçom de padre. Tenha-se presente que, noutros textos, Camilo defendera a oportunidade de os padres poderem casar, lembremos, por exemplo, *O Demónio de Ouro* quando João fala com o padre Bento, pai de Manuel e exclama (346): “Sim, um padre. Eu não me espantei. Os sacerdotes cristãos, nos primeiros e melhores séculos do catolicismo, tinham filhos, e amavam-nos”.

⁸ Parece que para personagem e âmbito, Camilo inspirou-se num egresso das terras de Póvoa de Lanhoso de quem lhe dera notícia Pinho Leal, que ele reconverte em frei Joaquim e Fervedo: nom está aqui em jogo o carácter referencial da obra. Para esa matéria pode consultarse Lopes (2004).

cialidade que se dá na nossa terra como as batatas; e nós, em vez de exportarmos, importamos as batatas do Val de la Mula e espírito do *Figaro* e do *Chat Noir*.

O vigário era daqueles sítios, bacharel em Teologia, pregador romântico, com bastantes letras e temperamento calidamente sanguíneo. Um vulcão. Contavam-se explosões desse temperamento vesuviano, que repercutiram outras explosões, precedidas de fenómenos que a obstetrícia não desconhece e nos dispensa de acreditar nas gerações espontâneas. Creio que nestes dizeres transpus os limites da candura nas asas do Pudor – o moderno pudor aladado com *p* grande, que pertence à volatária rara, de arribação, como as garças reais e os mergulhões do Norte.

O certo é que, afinal, explosiram também contra o padre dous ou três lavradores de uma intransigência bestial; e então o teólogo, Hilário Tavares, aliando a prudência à sabedoria, saiu da terra e foi apascentar um rendoso rebanho nas cercanias do Porto.

O lavrador Rodrigues, de Vale Redondo, não foi um dos dois ou três refractários à civilização das aldeias. Permaneceu leal e amigo do padrinho de seu filho; e, todos os anos, por ocasião da festividade do orago, hospedava quinze dias o compadre que pregava gratuitamente o sermão; e assim, no decurso de dez anos, graças ao desinteresse do seu talento parenético, granjeara o pregador reabilitado a benquerença dos seus conterrâneos.

Depois, conta o narrador, o rapaz vai para a casa do padrinho para aprender a ler, após umha luta que durou três anos, porque Rodrigues nom achava oportuno o rapaz estudar (nom por outras razões). Hilário educa o Artur “com amorosa vigilância, um zelo extremoso” e, depois de oito anos, morre, legando-lhe quanto pode legar-lhe por lei.

O longo trecho transcrito e o resumo da sua continuação, dariam para muita classe de comentários. Mas, centrando-me agora no assunto concreto a tratar, observe-se como o desejo do vesuviano (nom *javanês*, repare-se bem) padre Hilário nom se reduziu à casada Balbina. Outras mulheres, casadas e solteiras, tiverom relações sexuais com ele, e daí resultarom filhos; filhos e ameaças de alguns lavradores. E ele, que era também daqueles sítios, aldeao como eles, optou, com prudência e sabedoria, sair da terra e, com aliados como Rodrigues, voltar depois a ela e até recuperar a benquerença dos seus conterrâneos. Quer dizer-se: o padre soubo resolver os efeitos perniciosos da sua concupiscência e mesmo tomar conta do filho; com as suas ironias de *padre pequeno* ou *cuco grande*, com as transgressões feitas por Hilário, etc., aquela sociedade tem mecanismos de auto-regulação que garantem o seu equilíbrio e continuidade. Os desejos transgressores da moral católica que acabamos de ver nom consti-

tuem atentados que abalem o equilíbrio social da aldeia, que é capaz de actuar para que o seu corpo social e as regras que o sustentam continuem existindo. Basta com que se oculte ao lavrador Rodrigues essa verdade ou com que, sabendo-a muitos, estes nom se sintam afectados decisivamente por ela.

Na obra, a açom de Hilário e Balbina merece certamente reprovação por parte do narrador e, especialmente, de Frei Joaquim, quem responsabiliza o presbítero do pecado e considera Balbina vítima, como comenta a esta ao tentar convencê-la de vir cuidar a sua neta (915):

Dir-lhe-ei que há uma alma muito necessitada de orações; e, orando ela connosco, seremos três a pedir à misericórdia divina a salvação de um grande pecador, responsável da morte de seu marido e das suas imensas dores, Senhora Balbina.

Mas a punição polo pecado nom recai em Hilário, que morre sem que tenhamos notícia de expiação, antes polo contrário, mas em Balbina, que sofre por si e, sobretudo, polo seu filho, umha dor de que, repito, aparece como vítima, acrescentada pola lama que a atitude do filho lhe fai assumir; um sofrimento produto já nom da reprovação social mas derivado da consciência do pecado de concupiscência e do seu arrependimento. Em Balbina (879) “vira o egresso a dor sincera justificada pelo remorso do delito com a cumplicidade de um presbítero”, que suscitava o choro também no franciscano “como se contribuísse, chorando, para a expiação dos crimes da sua classe”.

2. Artur: desafio e ruptura da estabilidade social

O caso de Hilário e Balbina, como os casos de Hilário com outras mulheres, ficaram adormecidos e nom foram mais motivo de conflito. O vulcâm vesuviano actuou e ficou adormecido, com a tampa das convenções e os mecanismos sociais de resolução por cima. O problema moral persistia, mas nom era actuante. O problema social foi corrigido antes de que vinhesse a desfechar lamas e só a alteração do equilíbrio nas condições sociais que o sepultavam podia fazê-lo explodir. Essa alteração é produzida pola atitude de Artur, em quem estava a semente da explosom, mas nom necessariamente a sua germinação. Ao explodir, o

novo vulcám, já nom vesuviano mas javanês, expluará “o seu lodo sobre as coisas e as pessoas, primeiro emporcalhando-as, depois asfixiando-as na sua esterqueira espapaçada”. Só quando Artur se recusa a casar com Doroteia, todas as acções condenáveis moralmente de Hilário e Balbina convertem-se em energia anti-social acumulada que vai explodir e somar-se à mais determinante que desencadeará Artur. Dito por outras palavras: se Artur nom tomara essa determinação⁹, nada do passado viria à tona e teria essas conseqüências.

⁹ Na interpretação da obra, pode existir a interrogação de se a atitude de Artur está inexcusavelmente motivada por ser filho de quem é, mais ainda na atmosfera realista-naturalista em que se move a produção camiliana desde meados de setenta em Portugal. Artur é filho de Balbina e de Hilário e é educado, durante oito anos, por este: pode, pois, pensar-se numha influência importante das atitudes e caracteres dos seus progenitores no rapaz.

Se essa influência é a causa inevitável da atitude do Artur ou apenas um condicionante tem alguma importância: no primeiro caso, todo o conflito social e moral que se desencadeia teria como culpados Hilário e Balbina e a acção do filho seria umha simples conseqüência da atitude daqueles: o condenável seria o adultério de Balbina e a transgressão feita por um ministro de Deus. Seria, entom, um problema moral a causa de toda a desordem social. No segundo caso, o problema recai na atitude anti-social e anti-harmonia social (permita-se-me a expressão) de Artur, o que se veria secundarizado se a hipótese de leitura adoptada fosse a primeira. Eu inclino-me por esta segunda leitura: além do contraste entre as atitudes de Hilário e Balbina (tanto poderia influenciar no filho um como a outra e as atitudes que conhecemos deles som diferentes: Balbina quer que o rapaz case, Hilário mostrava-se indiferente quando Balbina o ameaçava com matar-se se andava com outra), convém sublinhar que a acção de Artur é apresentada como determinada pola sua origem biológica e educativa. Condicionada sim, mas nom necessariamente actuante. Na lógica dos factos apresentados, Artur podia decidir casar com Doroteia, ou fazer-se cargo da filha, suicidar-se, etc.; é, precisamente, a sua atitude anti-social, a contrastar com as fórmulas sociais que deixaram inactivo o eventual conflito provocado por Hilário e Balbina, o desencadeante de todo o vulcám javanês.

Artur (que adopta também o apelido do padrinho em sua memória, *Tavares*) é interpretado como herdeiro de alguns dos defeitos atribuídos ao pai biológico, entre eles o da sua recusa a ser fiel a umha mulher, concretizada no facto de nom querer casar com Doroteia, quando a mai tenta convencê-lo disso e, parece-lhe ver em Artur “o riso sardónico e o erguer de ombros do padre Hilário quando ela, uma vez, exclamava que se mataria, se ele a deixasse por causa de outra” (874). Mas, mesmo assim, existem diferenças substantivas: Hilário soubo desaparecer e reaparecer no momento certo para evitar conflitos; tomou a seu cargo, como padrinho, o que era seu filho, e, precisamente a sua condição de padre (e também o facto de ter relações com mulheres casadas) eximia-o de outras responsabilidades, individuais e sociais.

Hilário morre sem conhecer nengum destes problemas. Artur regressa a casa e Balbina, antes de começar com os seus remorsos, “revia-se pasmada nos jeitos afidalgados do filho, a bizzarria da sua roupa feita no Porto e na última moda, a lindeza das suas falas, as graves maneiras que impunham respeito aos rapazes da sua criação” (865). Umha atitude que delata umha implícita perversão em Artur, produto dumha desarmonia com o meio, fruto dumha influência estranha a esse meio, em que se insere plenamente a idiosincrasia de Roberto. Só, nessa seqüência, quando Roberto (espelho da atitude tradicional do meio em que vive) critica a vida que o rapaz leva, assomando, entom, indícios dumha conduta desregrada aos olhos da mai, e adverte (865-866): “quando se lhe acabar o arame do padrinho, que venha cá. Está servido o tal janota de... E falava estercorosamente como Victor Hugo escrevia em certo livro”, aparecem os primeiros receios e remorsos em Balbina. Nom antes, pois, de que “a mãe do janota” vente conflitos futuros (866):

[...] limpava os olhos no avental, e sentia-se por dentro roída de certos remorsos. Receava grande tormenta iminente na sua vida como castigo de qualquer delito que as vizinhas sabiam melhor do que nós. Andava cismática, a pensar em fazer uma confissão geral, penitenciar-se para desarmar as cóleras divinas.

3. O mundo quebrado

O equilíbrio daquele mundo só quebra quando nom se legitima, do ponto de vista da configuração cultural desse mundo, outra transgressão impulsionada mais umha vez polo desejo carnal, até menor em termos de código católico e até daquela configuração cultural, que a de Hilário e Balbina. Ao nom se aplicar a solução certa, a desordem social começa a alastrar. A sociedade de *Vulcões de lama* tem o remédio fabricado: o matrimónio, católico (católico, embora sancionando umha prática que a própria moral católica condena; é na religião onde está a solução). Ele devolveria a honra a Doroteia (nom a perde o homem, perde-a a mulher) e ‘daria um pai e um apelido à filha’: enfim, restauraria a ordem no modo de constituição ordinária dessa sociedade, a família composta por pai, mai e filhos. Um representante da acção humana, o médico que visita Doroteia, “chamado à força, contra a vontade da enferma, declarou que a rapariga

não estava hidrópica, como a boa mãe conjecturava, por obséquio à moral”, expressa claramente a solução e a sua índole (870-871):

– Aquilo não é nada – dizia o médico. – Antecipou-se, é o que foi.

– O quê?! – perguntava o pai esbugalhando uns olhos congestionados de projectos homicidas.

– Antecipou-se ao sétimo sacramento. Tudo se remedeia. A natureza fez a mulher que é carne putrecível, e a Igreja fez o sacramento que é o sal da carne em risco de apodrecer. Você percebe-me?

[...]

Agora é casá-la, meu homem, é casá-la com o sujeito que... – e fez também com as mãos uma cúpula sobre o estômago, errando mais um palmo menos palmo a topografia do fenómeno em questão.

Nom é, entom, o facto de Doroteia ficar grávida de seu primo Artur (já na altura em âmbitos urbanos, estas relações sexuais entre parentes eram pior vistas que no mundo rural); nem de que Doroteia estivesse prometida ao José Rato (o que poderia, quanto muito, desencadear um conflito individual) nem de que os dous fossem solteiros (o que, duramente condenado pola moral católica, nom o é assim tanto polos códigos sociais aldeaos, e é até quase naturalmente aceite, mesmo polos padres); é a negativa de Artur a casar com Doroteia. Eis o problema que resulta insupportável para esse mundo.

4. Os valores transgredidos

Antes de a recusa de Artur acontecer, Balbina e Roberto Rodrigues faziam um casal normal, daquelas terras; Roberto era, até, um lavrador abastado e feliz; Doroteia vivia em paz com os seus pais, João Gaio e Quitéria, quem, na verdade, nom se dava bem com a irmã Balbina, mas este facto nom tinha grandes conseqüências, nem mesmo, como se vê, no relacionamento dos filhos. Quitéria tinha recriminado tempo atrás, e foi esta a causa da inimizade, a sua irmã pola sua relação com o padre Hilário; mas isto nom causou desordens de tipo nengum, nem chegou a os ouvidos de Roberto. Doroteia estava satisfeita com a promessa de casamento com José Rato. E este, que alcançara umha boa posição social e esperava herdar bem dumha sua tia, também. Tudo numha lógica aldeá conformada no seu esquema através dos séculos.

Com a recusa de Artur, o vulcám, que existia mas nom actuava, adormecido, e que assim poderia ficar indefinidamente, acorda, transformado e multiplicado irreversivelmente: o homem da Quitéria, João Gaio, só declara a verdade do adultério ao cunhado, e publicamente, quando, como proclama, lhe desonraram a filha (883), desonra, insisto, que nom procede da gravidez de Doroteia mas da recusa de Artur a casar com ela. A irmã, casada, de Roberto Rodrigues, que o acolhe na sua casa depois do choque, nem recebe nem pede explicações do irmão (887-888): “a sua desonra era notória; as relações antigas de Balbina com o padre todo o mundo as sabia. A irmã nunca lho dissera, para o não desgraçar sem proveito algum”; note-se: a sua desonra era notória mas nom produzia efeitos enquanto ele nom o soubesse (e nom consta efeito nengum nas relações sociais nem na vida de Roberto antes de ele sabê-lo, fora algumha ironia que ele nem sabia interpretar). A irmã, como “todo o mundo” (888) sabia dessas relações, mas elas nom produziam efeitos sociais de mínima importância. Depois de que Artur se recusa a casar e foge de Fermedo, Rodrigues morrerá da vergonha e da sua honra (aldeá) irremediavelmente ferida de morte; Balbina entrará numha espiral trágica de loucura e padecimento; Doroteia terá que ir servir fora da aldeia, expulsa polo pai da casa, e conhecer a morte da sua filha aos poucos meses. José Rato e João Gaio aliam-se, num entendimento de que participa o padre Leonardo, para afastar o Artur e lograr Balbina, fazendo emergir neles o pior da (sua) natureza humana, etc.

As conseqüências, portanto, da nom legitimação, segundo as regras sociais, do desejo, convertido em concupiscência, nom som apenas umha quebra do equilíbrio social. Perturbam e pervertem determinados valores e atitudes que, até ao momento de se virem em risco, garantiam aquele equilíbrio mas cuja resistência nom é suficientemente forte e que, em ocasiões, só a fe pode ajudar a sustentar. As personagens camilianas de *Vulcões* (poderíamos alargar esta afirmação a muitas outras obras) que apresentam umha conduta que nom atenta contra esse equilíbrio, nom possuem capacidade de seu para resistir e os seus valores, humanos e/ou porque elaborados humanamente, estão em risco perante qualquer ameaça. É desta perspectiva que, para conhecermos a mundivisom camiliana, convém detectarmos esses valores, o motivo da sua quebra e os antidotos que podem remediá-la.

Os valores que têm garantido o equilíbrio da aldeia e constituído os seus mecanismos de estabilidade e vertebração social, desta de Fervedo e, podemos dizer, da aldeia portuguesa em geral, estão representados em *Vulcões de lama* pelo lavrador Roberto Rodrigues e, com um protagonismo menor, pela sua cunhada Quitéria. Roberto Rodrigues é um lavrador abastado pelo fruto do seu trabalho e de seus progenitores, honrado, austero e bom cristão, bom esposo e bom pai, segundo os códigos tradicionais. Ao final do romance, na transcrição do folhetim do *A Coalizão*, que dá conta dos episódios narrados, lê-se (951): “Roberto era rico, mais de 50 contos em propriedades, e ela quase pobre, filha de arrendatários de lavoura. Amou-a e foi aceite com alvoroço, porque, além de ser abastado, procedia desde rapaz como os velhos mais honrados. Trabalhava sempre para engrandecer o património de seu filho”.

Camilo dedica o primeiro capítulo a perfilar os caracteres e as atitudes em confronto de Roberto, Balbina e Artur. O idiota (muito provavelmente no sentido de carente de instrução) Roberto Rodrigues, como é chamado pelo narrador já no início (863), é apresentado negando-se a mandar seu filho a aprender a ler; a razão que dá é que ele também não sabia ler “e mais arranjava lindamente a sua vida”. Argüia igualmente que, se o rapaz tivesse formação, logo seria regedor, juiz ou similar e descuidaria a fazenda, ao ter que ir a Cabeçais (sede do concelho de Fervedo até 1855) e que se tornaria asno ou vadio; “E citava exemplos, personalizando meia dúzia de brejeiros que sabiam ler [...]”. Um prognóstico, veremos, certo para um lavrador, que, como no caso dos seus antepassados, não precisava destas *inovações forâneas* para a sua satisfação. A instrução, portanto, não é sinónimo de melhoria e, num meio como este, pode ser mesmo causa de que esse meio fique desatendido e sem continuidade. Nem faz falta para aprender a doutrina cristã, “que bom católico era ele”, diz Roberto perante o pedido do filho para ir à escola, “e mais nunca aprendera a doutrina pela *Cartilha*”, jactando-se de saber elementos teológicos que na realidade desconhece e mistura (864-865), mas sendo redimido pelo narrador: “ainda assim sabia muito mais do Cristianismo do que aí qualquer bacharel formado capaz de inventar uma religião”.

O lavrador, após a morte de Hilário, o filho regressa a casa dos pais, vê nos modos do filho que faz pasmado a mãe, o contrário do que é socialmente admissível e funcional, visto da óptica tradicional da aldeia que

ele representa, e a confirmação dos seus presságios: o pai achava-o (865-866) “assim, a modo de *pronóstico*, muito patarata com as raparigas, não se importando com as cousas da casa, rindo-se das palavras grosseiras dele, chamando besta a toda a gente; que não dava importância aos parentes, e olhava de revés e com engulho para os velhos trastes da casa”; e que, na besta que lhe deixara o padrinho “ia para a Vila da Feira ou para o Porto sem pedir licença”, que andava a esbanjar o dinheiro que herdara do padrinho, enquanto ele, seu pai, estava a “trabalhar como burro para lhe aumentar a casa!”, “agora aí o tens, pega-lhe cum trapo quente. Aquele está pronto, sim, Senhores!” diz Roberto à mulher, com as palavras e as expressões próprias da *tribo* e inerentes a ela.

O *pronóstico* do lavrador prolonga-se quando a sua mulher, Balbina, o informa de que Artur não quer casar com Doroteia e pede a seu homem que envie o filho a estudar a Coimbra com a esperança de que “o tempo conjurasse o perigo” (875): “Se ele com poucos estudos já é tão patife que desonrou a prima e não quer casar com ela, que fará quando for doutor?”, é a resposta de Roberto, seguida dumha reflexão do narrador dirigida retoricamente a este mas colocada para desenhar a posição camiliana, entre humor e ironia, de imobilismo e relutância perante a acção política (aqui educativa) e de defesa da bondade divina e da sua superioridade intelectual e moral, numha altura em que se debatia o alargamento da instrução primária a todo o país¹⁰.

Esta refutação do analfabeto Roberto Rodrigues é a condenação da instrução primária como inútil para se pensar e exprimir com acerto. Há homens sem ressaibo de letra redonda nos quais Deus incute infusões de lógica. Eles dão ares de sair do Cenáculo a evangelizar conceitos imortais. Sim, meu velho Rodrigues! Se aquele patife, com um pouco de francês de Laplace e algum latim de Tito Lívio, ainda estranho à retórica do Cardoso e à lógica do doutor Dória, desonrava a prima com pérfida promessa de casamento, que faria depois, ao sair do poço da ciência, a escorrer o pus da corrupção e pandectas de todo ele, à proporção da sabedoria? Fizeste muito bem, honrado lavrador, em castigar assim o filho do teu compadre – fizeste muito bem! (875)

¹⁰ A questão do alargamento e obrigatoriedade da instrução primária fora objecto de debate intenso na sociedade portuguesa da época. A primeira proposta para tornar obrigatória esta instrução será apresentada no Parlamento Português em 1872, durante o governo de Fontes Pereira de Melo.

Patife e desonra som palavras que repetem Rodrigues e o narrador. Rodrigues, frente a seu filho nom é patife, nom desonra; nom mente; é honrado; nom fará escorrer polo mundo “pus de corrupção” nengum, que é como dizer parte dos “vulções de lama”.

O lavrador soma a estas virtudes, a de colocar a lealdade e a amizade por cima doutras cousas: quando “dous ou três lavradores de uma intransigência bestial” “explodiram também contra o padre” Hilário e este tivo que sair da terra, “o lavrador Rodrigues, de Vale Redondo, não foi um dos dois ou três refractários à civilização das aldeias. Permaneceu leal e amigo do padrinho de seu filho”, hospedando-o na sua casa “todos os anos, por ocasião da festividade do orago” (864).

Roberto Rodrigues é, pois, um homem carente das habilidades e instruções próprias doutras classes sociais; rude e desabrido com a mulher, mas dumha lógica equilibradora esmagadora, que vê aflito a progressom da loucura da sua mulher por causa da sua paixom por um filho “que os desprezava a ponto de nem dar notícias suas” (880); e que culpa a mulher de nom fazer o que, na lógica da estrutura social aldeá, se esperava da mulher em relação ao modo quotidiano de viver: “Que andava a casa à matroca; que lhe roubavam o milho e o vinho; que não tinha às vezes que comer, nem que lhe lavasse a roupa branca. Que raios partissem o beatório e mais o frade que lhe dera volta ao miolo da mulher!”¹¹

Quando acontece o episódio na feira de Fermedo, ao entrar na estalagem para jantar depois de vender bem o seu gando e comprar bezerros para a criação e cumprimenta José Rato e João Gaio sem ser correspondido (enfim, quando obra como se espera dum trabalhador, bom, honrado – e ingénio – e lavrador), toda a sua razão de ser, vertebrada polo conceito de honra (o intangível que dá sentido às suas vidas, também, finalmente, à de Balbina), desaba. Vai para a casa, evita matar Balbina (num lance que remata Camilo ironizando, como costuma, para nom parecer piegas de mais na cena) a falar de “actos extraídos pela natureza da dor bruta do Roberto e da Balbina” (886). Em vez de matar, chora. “Ele já não podia duvidar do adultério. Daquela negra caverna já não havia saída para a luz que, horas antes, ainda lhe alumia a sua alegria honrada” (886):

¹¹ Rodrigues apenas errava na identificação do padre que dera “volta ao miolo” de Balbina.

é a honra que está em jogo, dum homem que se conforma com pouco (vender os seus bois, ser bom lavrador, fiel à terra e às origens, frente ao Artur, de quem nunca ouvira dentro de si a voz do sangue e a quem já começara a aborrecer, a detestar, “por fim, como se adivinhasse que aquele devasso vadio não era, não podia ser seu filho” (887).

Assim as cousas, a sua lógica de honrado aldeão e bom cristão (“infeliz e honrado homem” na definição de frei Joaquim) leva-o, quando sai da sua casa e vê Balbina no chão, a pedir, “com uma piedade mais excruciante que o rancor”, “Deus te perdoe!, Deus te perdoe, má mulher!” (888).

Depois, ele vai fortalecendo-se moralmente, mas piorando fisicamente, numha doença que os médicos (o remédio mundano) nom sabem atalhar (890). Quer fazer testamento e deixar todo à irmã, piedosa como ele (que o acolhe e mesmo tem compaixom da Balbina ao acudi-la na saída da casa) mas nom pode, por causa das regras humanas e, mais em concreto, pelas leis dos políticos – constitucionalistas –: “lá estava a lei com a sua prudentíssima honestidade para desmentir o testador e demonstrar que ele era um pai legítimo”. Numha derradeira mostra de integralidade e fidelidade às origens, retrucará ao notário (891):

Então eu não posso deixar a minha irmã o que é meu? O que nossos pais ganharam com o suor do seu rosto há-de ir para o filho de uma marafona que se amigou com um padre? [...] O Senhor Escrivão não sabe nada. É impossível que a lei queira roubar minha irmã, e dê os meus bens ao filho da mulher que me matou. Chamem um doutor. Querem-me roubar! Corja de ladrões!

E, vendo que nom há remédio, quer queimar todas a suas propriedades e acaba por morrer no meio da sua agitação.

A outra personagem, agora feminina, que espelha os valores positivos quebrados por acções como a de Artur é Quitéria. A fe, é com a honra, no seu caso, o principal elemento estruturante da sua actuação, conduzida polo exercício dos seus sentimentos e convicções (872). Capaz de desobedecer o pai por amor (o que está na lógica aldeá) ainda que isso a prejudique na dote, defende, “honesta”, umha moral e umha rectidom que a levam a tentar corrigir a sua irmã, “com quem já se indispugera”, pola relação com o padre Hilário, e sofrer “honradamente” o insulto e o desprezo de Balbina. Ao mesmo tempo, é defensora e guardiã da sua família e da estabilidade desta: ao acto de repreender sua irmã, une o de

querer o melhor para a sua filha e o seu marido: “Quando viu Doroteia apaixonar-se até à loucura pelo primo, já não pôde cortar as relações de parentesco sem expor a filha à maledicência e talvez ao suicídio¹²” (872). E também para a sua irmã e a família desta, apesar do desprezo daquela: “Assim que suspeitou do projecto decisivo do marido, Quitéria, muito assustada, foi onde a irmã, e avisou-a de que o Artur, se não casava logo com a sua filha ou morria ou matava”, acedendo a ‘ter mão’ do seu marido para a Balbina poder tentar o remédio (873).

Quanto às suas crenças, elas som dum Cristianismo de índole diversa ao que o narrador pondera em Roberto e, ao mesmo tempo, genuínas e harmonizadas com o que se espera do seu sexo e com o mundo em que vive. Ela é devota, de Santa Rita, a cuja escultura da sua casa o narrador a mostra rezando, suscitando-lhe este comentário: “As lágrimas e a fé com que esta mulher se ajoelhava àquele pau canonizado não podiam deixar de comover a Providência que sugeriu na treva da dor humana a luz da oração”.

Ao lado de Roberto e Quitéria, umha terceira personagem, vítima directa do vulcám desatado por Artur, é Doroteia, reflexo do candor, da ingenuidade e da bondade, frágeis, que a concupiscência (muitas vezes alheia ou conformada fora do meio aldeão) destroça (866):

uma rapariga esvelta, alva de neve, com o rosto rosado que parecia uma taça de creme em que boiasse uma romã aberta. Erã a flor dos concelhos de Fermedo e Arouca, amada a um tempo por lavradores ricos, pelo juiz eleito, por várias autoridades, pela Junta da Paróquia – amavam-na todos, incluídos bacharéis formados.

A figura do primo produz nela um “deslumbramento” (866), “um fulminante corisco de amor, afogueado na forja da ciência; porque Doroteia sabia ler, e relia pela quarta vez com muitos suspiros os *Amantes Desgraçados*, traduzidos do francês por *Altina*, e *Arminda e Teotónio*, novela portuguesa por *Eliano Aónio*¹³”.

¹² Mais tarde, aparecerá tentando evitar o contacto pré-matrimonial/desejo/concupiscência de José Rato e Doroteia (927): “A cauta Quitéria não se apartava da filha, nem de dia nem de noite, porque dormiam juntas. Estava escaldada”.

¹³ *Les Mémoires du comte de Comminge*, de Claudine-Alexandrine de Guérin, Marquesa de Tencin, conheceram um importante sucesso al longo do século XVIII, em forma de edições, traduções e adaptações. A tradução a que faz referência o texto é *Os amantes desgra-*

Um corisco de amor a que ela tenta resistir para nom causar sofrimento ao José Rato (866): “Não obstante a corrupção alastrada por estas leituras, a enfeitada moça chegou a fazer promoessas importantes à Senhora dos Remédios, se a curasse da sua paixão pelo primo. O Rato fazia-lhe uma pena que era mesmo despedaçar-se-lhe o coração”. Mas nom o consegue: a sua paixom é mais forte que as razões que lhe opom e frente ao juiz eleito à espera de herdar quinze mil cruzados, fica ‘embruxada’ polo primo (867):

E um noivo, nestas circunstâncias excepcionais, bastou um relance mágico de olhos, uma negaça e talvez um beijo perturbador para o volatilizar do íntimo de Doroteia, e enlouquecê-la tão sem remédio que a pobre rapariga imaginava-se vítima de bruxedos.

Ora, o primo Artur tinha dezoito anos e era um guapo rapaz.

Artur, “infeccionado dos ares pestilentos do concelho de Vila Nova de Gaia”, engana a sua prima, vítima ela da sua ingenuidade e bondade,

çados ou memórias do conde de Comminge, que tivo, segundo consta da Biblioteca Nacional de Lisboa, umha primeira edição na Typographia de Thaddeo Ferreira em 1791 e umha segunda na Officina de João Rodrigues Neves, em 1807. O assunto, de dous moços que procuram o seu amor no contexto das suas famílias enfrentadas, tem concomitâncias com algum dos tratados no *Vulcões*. Inocêncio (V, 236) atribui o nome de Altina a Luís Caetano de Campos.

Arminda e Theotonio ou a consorte fiel: novella portugueza, foi editado pola lisboeta Typographia Rollandiana em 1819. Eliano Aónio é o pseudónimo de Elias António da Fonseca, que publicou, além da citada, *Versos de Eliano Aónio* em 1806 na Imprensa Regia e duas edições de *Obras poeticas de Beliza*, umha também na Imprensa Regia (1806), e a outra na Typographia Rollandiana (1825). Foi um autor prolífico com obras sobre economia e política, moral, costumes, etc. E foi autor e tradutor de novelas que tinham a paixom e o desejo como motivos centrais e que permitem umha leitura de *Vulcões de lama* também a esta luz, assunto que nom vou desenvolver aqui por nom ser o objecto de estudo do presente trabalho: entre elas, *Os effeitos da má educação, ou a dama infeliz: novella portugueza* na Typographia Lacerdina, de Lisboa, em 1804 e dous volumes e *A força de huma paixão: história verdadeira de dous amantes succedida em Lisboa no anno 1803* editada na Officina de J. F. M. de Campos, em Lisboa, 1820; traduziu do francês “Com mais alguns aditamentos” e sob as iniciais E. A. F. S. *Sofia ou o consórcio violentado* (Imprensa Régia, 1818). Note-se, no sentido apontado, a significativa coincidência do nome da personagem Doroteia de *Vulcões* com a dum dos textos de Eliano Aónio: *Dorothea ou a lisbonense infeliz*, também publicado sob as siglas E. A. F. S. pola Imprensa Regia, em 1816.

e ela acede aos desejos do mesmo, numha nova amostra dada pelo narrador, de o problema estar centrado na concupiscência e no conseqüente conflito social a que pode vir a dar lugar (869).

A primeira mulher impoluta e ingénua que lhe aceitasse a corte estava irremediavelmente abismada. Menina cândida, que respirasse o hálito mefítico deste homem, devia morrer asfixiada como avezinha que adejou por sobre os lagos Avernos. Para conjurar o malefício dos infectos desta pior espécie não há senão o profectismo do cacete.

Caiu a sorte negra na infausta noiva de José da Silva Rato Júnior. Se o pudor feminil resistiu às primeiras investidas do lascivo primo, essa resistência foi vencida pela promessa de remediar o pecado com o sacramento, logo que esse acto se fizesse necessário para remediar o escândalo.

Doroteia, frágil e débil, acredita no amor e ainda no primo: “prostrava-se de joelhos aos pés do primo a pedir-lhe que a recebesse, que a recebesse e a matasse depois, se ela lhe desse algum desgosto” (869); ameaça com matar-se (870), e, já desprezada por Artur, avisa-o do perigo que corre por causa das ameaças de João Gaio e José Rato (876). No bilhete em que o avisa “concluía por lhe perdoar a sua desgraça, e só lhe rogava que não abandonasse o seu filho, se ele chegasse a nascer”.

Apesar dessa fragilidade, Doroteia mantém-se firme no que julga ser a sua responsabilidade e bom proceder, mesmo que as suas decisões lhe acarretem situações duras ou nom lhe permitam viver melhor. Recusa-se, por exemplo, a enjeitar a sua filha, ainda que isso lhe suponha a expulsão da casa por parte do seu pai João Gaio, a indignação, o estigma social e o desprezo das suas conhecidas; e só acede a deixá-la ao cuidado da Lemenha perante a ameaça do pai de arrancar-lha e deitá-la à roda ou a um poço e quando pensa que a filha vai estar bem cuidada e que poderá ganhar dinheiro para dar melhor vida à criança: “Sucumbiu desculpavelmente Doroteia. Entregou a filha lavada em lágrimas” (897).

Esse amor à filha e mesmo a presença do remorso por tê-la deixado para ir servir e ela ter morto (culpa de que narrador e egresso a eximem), alargam-se a outros episódios. Quando visita Balbina conduzida pelo vigário Leonardo, e a mãe de Artur leva-a a ver o berço do filho, chora, numha assumpção de culpa compensatória da atitude de Artur, similar ao processo da própria Balbina (942): “lancetava-lhe remorsos de ter deixado a sua criancinha nos braços de Lemenha, mãe descaroadada e

imunda mulher; doía-lhe a vergonha de não ter desprezado as ameaças do pai, e ter fugido à pobreza, aos trabalhos e à fome”.

A obtenção do trabalho no Porto fora, aliás, fruto da recomendação ao rico industrial Ladislau Melitão de frei Joaquim, porta-voz da ideologia do narrador e da Divina Providência, “abonando-a com o seu honesto proceder antes de ser enganada por um primo que fugira à responsabilidade da sua perfídia” (896). Nessa casa, Doroteia resistirá à concupiscência do patrom (920-925) e será reputada como “mais honesta do que eu supunha e era de esperar” pela mulher deste à hora de despedi-la, ao Doroteia recusar o dinheiro que lhe dá Anatilde Flórida por exceder o ordenado convenido (925).

Essa honestidade prolonga-a também na sua relação com José Rato. Dele recebe no Porto cartas apaixonadas (920-921):

Ela não ousava responder-lhe na mesma afinação; mas, no íntimo de seu peito, agradecia-lhe aquele amor inabalável por ela, tão ingrata para quem a quisera para esposa, e tão cegamente escrava do pérfido primo que a perdera e abandonara. Respondia-lhe com modéstia de infeliz, indigna do seu amor, fazendo sempre votos aos Céus para que José Rato encontrasse criatura que o merecesse. Ah! Ele tinha sido a sua primeira paixão!

De Rato lera a última carta na mesma manhã da sua despedida da casa do Porto, em que ele lhe reiterava o seu amor (924): “Ela sentia-se impulsionada pelo remorso a ir chorar sobre o coração morto daquele homem, futuro herdeiro da tia Tomásia¹⁴, e todavia condenado a uma eterna viuvez! Matara-o ela; e ele, tão bom, perdoava-lhe! Um anjo, seu Rato!”

¹⁴ Neste, de resto, habitual modo de ambígua formulação camiliana, pode ler-se umha alusão velada a algum interesse ‘concupiscente’ pelos futuros dinheiros que o Rato lhe anuncia vai herdar da tia. Há mais alguns passos na obra em que se insinuam interesses espúrios de Doroteia, em todo o caso, nom desmentidores deste perfil predominante de pessoa boa, honrada e débil, incapaz em ocasiões de sobrepôr-se às imposições. Isto acontece quando, ao despedir-se bruscamente de Melitão, Doroteia nom lhe devolve o diamante com que o industrial queria comprar o seu amor (925): “Mas o melhor da passagem, como diria o Senhor António de Serpa, é que Doroteia não restituiu o anel a Melitão. O esquecimento é desculpável pela atrapalhação da saída. — Que espiga! — dizia ele esmagado na alma sob o peso da catástrofe, e demais a mais com a perspectiva das borrascas domésticas, bravas lutas com a esposa — o osso da sua carne!... — Que espiga!”

É um sentimento de compaixão e ternura (e não de falsidade, como lhe recomenda o padre Leonardo) também vai aflorar na sua relação com Balbina na primeira noite em que dorme na casa desta. Cheia de medo e querendo fugir, apesar dela (944), "Doroteia ficou. Não dormiu em toda a noite. Sentara-se à cabeceira da cama da tia, a coçar-lhe brandamente à cabeça, até que adormeceu. Tinha ali no chão a sua cama que uma criada de ruim cara lhe arranjara com maus modos, rosnando e lobrigando-a de esquelha".

De alguma maneira, também valores positivos aparecem na atitude de Balbina que a atitude de seu filho não permite desenvolver. Um deles, derivado directamente da sua fé, é a consciência do mal, o arrependimento e a tentativa de reparação do mal feito, aceitando a justiça divina: Todo o processo de Balbina na obra é a vivência dum remorso, o remorso católico, que fazem crescer a angústia e a loucura no ânimo de Balbina, sempre em dependência da sorte e da atitude de seu filho. É "a dor sincera" que nela detecta frei Joaquim (879). Começa, pois, um longo caminho de consciência e expiação do seu crime, social mas sobretudo moral (na sua loucura não pode perceber bem *os ataques do mundo*) sofrendo o castigo divino, aparecendo como vítima mais que como agente, luxada pelos jorros de lama do crime, moral, mas decisivamente social cometido pelo seu impune filho. Balbina pretende ainda a expiação do seu pecado através do seu filho. Nos mecanismos de solução divina que Camilo dispõe, em muitas ocasiões, as crianças constituem uma espécie de repositório da graça divina, e, como tais, eventuais agentes reparadores do mal de que são consequência, seres em que os pais podem regenerar-se. Isso é o que busca desesperadamente Balbina (874), quando quer, religiosamente, convencer o seu filho de casar com Doroteia, numa linguagem que o filho não aprendera; porque, quando a regeneração dos adultos

Ao comentar o amor intenso de Rato por Doroteia e a correspondência dela, escreve o narrador (932): "É, todavia, certo que Doroteia ignorava o casamento da tia Tomásia; e não pode, portanto, acentuar-se irrefragavelmente a dedicação desinteressada da rapariga ao seu deserdado amador." E, da mesma maneira, ela vai visitar a Balbina e ficar com ela no esquema armado por Rato, Gaio e o padre Leonardo, sem vir a esclarecer-se em caso nenhum se ela sabe ou não o que realmente está a acontecer, embora todo indique que é a sua fragilidade a que impede a sua negativa aos projectos daqueles três e que converte a sua estadia na casa da velha num acto de ternura e remorso, no meio do seu pavor.

se produz por meio das crianças ou dos filhos, é pelo carácter inocente e imaculado destes, o que não é o caso de Artur. Outro grande valor é o seu inabalável amor de mãe, o desejo de que ele tenha o melhor, mesmo que isso seja em detrimento dela mesma, e que manterá inalterado até ao fim da obra, no meio da sua loucura (879-880):

Não era a perversão dos nervos vibrados pelo dinamismo da estupidez supersticiosa que atormentava aquela penitente. O filho convertera-se-lhe em expiação, quer o considerasse vivo e cruamente ingrato, quer assassinado ocultamente. Como filho do crime, constituía-se na mão de Deus o flagelo incessante do seu coração de mãe, ou a tortura sem repouso da sua consciência de mulher casada. Não acreditava que Deus lhe houvesse perdoado enquanto lhe não restituísse o filho. O inferno de o perder queimava-lhe o corpo e a alma; o outro inferno de além-túmulo quase que a não preocupava. Para esse iria ela voluntariamente, se lá estivesse o seu Artur. [...] ela expiava com rezas, com jejuns, cilícios, humildades abjectas ao marido, esmolas excedentes aos seus recursos.

Este é o mundo que a acção de Artur desbarata. O regulado por uns determinados valores, e vertebrado por um conjunto de atitudes e caracteres e pelas soluções fabricadas para corrigir as eventuais desviações desses valores que representam Roberto, Quitéria ou Doroteia substantivamente. Também Balbina, na medida em que a expiação e a loucura são remédios à sua falta e resultado dela. E igualmente João Gaio e José Rato, que só podem surgir a sua concupiscência quando a ordem em que se desenvolvem é rota. Gaio é o pai traído na sua honra, disposto a defendê-la, que actua como se espera dum lavrador no meio em que habita. Rato é um amante fiel e persistente, apesar da ruptura da promessa de casamento por parte de Doroteia e do estigma que lhe supom, materializado no desprezo da sua família (até que reparam nas possibilidades de lucro) por querer casar com uma solteira mãe dumha filha que não é dele. De um e outro sai também uma natureza humana negativa, que assoma em crises como esta. Ora, Rato ama sinceramente Doroteia, sem, em princípio, interesse concupiscente nenhum, nem pelo dinheiro que, depois, tentará tirar de Balbina; expressa-o nas cartas e o mesmo narrador assim o declara, numa exposição ideológica e moralmente contraditória (931):

O amor tirano devastara a zona psicológica de José da Silva Rato. Dia a dia, a paixão inexorável foi desabando os pilares que o exalçaram a juiz eleito, delirando-lhe os

predicados dignos dessa magistratura entre os seus concidadãos. Perdera inteiramente a vergonha, e atapulhara na consciência, como em uma latrina, todas as imunidades precisas para germinar lá dentro as flores da grinalda nupcial de Doroteia.

Contraditória na medida em que o narrador se coloca do lado da censura aldeá e da própria família ao acto de amor de José Rato, o que nem é congruente com a sua tradicional defesa do desejo nem concupiscente nem com a crítica que depois fará à família Rato por mudar de posição perante a eventualidade de este vir a ter a terça de Balbina (939).

O delito de Rato, que, finalmente, nem receberá herança da sua tia Tomásia, é a farsa que arma com Gaio e a irmã deste, a Toqueriné para tirar o dinheiro a Balbina. Na fraude acabará participando activamente Leonardo, reverso do frei Joaquim na sua condição de padre. Enganam uma mulher louca, o que constitui um pecado grave. Mas, como delito, esta “grande ribaldaria” do Rato (926) e os seus parceiros, fica relativamente desculpada. Quando Rato convence Doroteia para ficar na casa da Balbina, lemos esta reflexom *relativizante* (945): “a felicidade de ambos não precisava da riqueza – dizia ele desembuçando-se para nobilitar a ideia, com os realces da mímica – mas loucura seria renunciar à fortuna depois que tão felizmente a conseguiram”. Pense-se que, na lógica da obra, este dinheiro iria ou bem para missas pola alma de quem ainda nem morrera, Artur, ou às mãos deste, o que, do ponto de vista da justiça e da ética sociais dominantes, seria ainda pior solução. De resto, tem como co-beneficiária Doroteia, o que mais uma vez se ajusta a essa justiça, na medida em que se trata do dinheiro da sua *sogra* e *avó* da sua filha, de quem Doroteia se tivo que fazer cargo em exclusivo (umha “indemnização do roubo que lhe fiz da sua honra”, como *fala* Artur a sua mãe, por boca da Toqueriné ao ditado de José Rato, 935), facto, aliás, mui significativamente sancionado polo justiceiro divino frei Joaquim¹⁵ e polo bom parente de Artur, o juiz ordinário Alexandre de Pinho (962). Realmente, o crime e o pecado acabam por ser maiores na pessoa do padre Leonardo,

¹⁵ O egresso já tentara que Balbina nem gastasse o dinheiro em missas e que este fosse a parar ao benefício da neta e da mãe (914-915), antes de que Rato, Gaio, Toqueriné e o padre Leonardo confabulassem a sua estratégia. A solução, pois, ainda que pior que a pensada polo egresso, já fora disposta por este.

quem nem se vira directamente afectado pola desordem social (é apenas um aproveitado da mesma) nem devia obrar de forma tam contrária ao ministério religioso que desempenha.

É precisamente Artur a única personagem central de *Vulcões de lama* impune, que nem padece nengumha consequência negativa da desordem que ele mesmo provocou. Apenas a dor polo tom zombeteiro com que o folhetim fala da mãe, a perda da terça que vai para Doroteia (e, assim, para José Rato, Gaio e Leonardo) e as lágrimas finais perante a sua mãe louca que podem indiciar algum arrependimento ou sofrimento, em todo o caso nunca explicitado. E que aparecem até como actos de alguma generosidade. No desenho camiliano, o maior culpado, cuja concupiscência provocou umha extraordinária instabilidade, fica ilibado e nem é punido nem pola justiça humana nem pola divina. Está felizmente casado e herda um bom dinheiro: no projecto camiliano, Artur interessa como agente de desestabilização, como Hilário interessa como causa primeira do remorso de Balbina quando a desestabilização se produz; nem interessam em si mesmos.

A estabilidade aldeá fica, ao final da obra, reestabelecida: Doroteia e Rato casam, como tinham projectado previamente, bem dotados polo dinheiro da terça. Doroteia vê a sua honra recuperada polo seu sincero amador, Rato (nem sabemos a sua sorte, porque ela nem é tampouco centro do projecto narrativo). Gaio vê a sua honra satisfeita e restaurada por esse matrimónio, de que também tira proveito económico. A mesma satisfação, no que di respeito ao matrimónio, podemos calcular em Quitéria, ainda que em nengum momento se nos informa sobre a sua perspectiva. Artur ficará fora do mundo que contribuiu decisivamente para alterar. A mãe, Balbina, ficará também fora, neste caso pola sua alienação. E *Leonardos* e *Toquerinés* continuarão actuando neles, tirando proveito das crenças populares; como igualmente os frei Joaquim, estes contribuindo, também decisivamente, para que esse mundo nem se desestabilize irremediavelmente.

5. Frei Joaquim da Cruz Sagrada, agente da Divina Providência: estabilizador social, solucionador ilusório e referência moral

Todas as soluções e remédios à catástrofe nos *Vulcões de lama* têm como agente, directo ou indirecto, o padre Joaquim da Cruz Sagrada. Explicitamente, ele aparecerá como o (914) “medianeiro entre a justiça divina e a ré confessa” (alude, neste caso, a Balbina), frente à injustiça e a inutilidade humanas. Só a Providência divina, movida pela fe, tem a possibilidade de reequilibrar e restaurar a ordem, de fazer o bem ou tornar bom ao mau, ou, pelo menos, de aliviar a dor e consolar (solução habitual em Camilo, espelho da sua ideologia reaccionária e da sua visom do mundo). É o caso de Quitéria ou ainda de Roberto, quando pede a Deus perdão para a sua mulher. Às palavras já transcritas com que o narrador glosa a fe de Quitéria, somam-se estas mesmo na continuação, que reflectem a apreciação de Camilo/narrador sobre a (sua própria) fe, manifestando ser esta religião do consolo a única forma de remédio ao mal da vida humana (873):

Eu, de mim, creio que Deus, autor das angústias de alma e corpo, deve ter criado também algum anódino que as mitigue. E, se não é a oração, que há-de ser? Para as nevralgias do corpo, os valerianatos, o curare, a morfina, a cocaína, a beladona, os anestésicos; para as agonias do espírito, o linimento balsâmico da oração, a esperança do remédio extraterrestre, a confiança numa alta potência moderadora dos castigos infligidos pela sua divina lei. Os anestésicos, a fricção da terebintina, as injeções hipodérmicas, às vezes, são ineficazes como as orações. Não importa. O desgraçado reze e fricção-se sempre. Apele para Deus da própria farmacologia; e, quando as injustiças cruéis deste planeta o acalcanharem, vá perdendo sempre aos seus devedores – não preferindo antes executá-los, para que Deus Nosso Senhor lhe perdoe... a desgraça de ter nascido. Mas, se há aí desamparado que nenhum alívio experimentou orando, antes de negar a existência de Deus, procure-o. Vá sozinho. Suba aos espigões das montanhas, ou desça aos recôncavos dos despenhadeiros. Isole-se; procure-o aí, e espere-o. O mais eficaz narcótico para um cérebro convulsionado é a solidão. Quando se sentir penetrado de uma serenidade humilde e reportada com a paciência, aí está Deus, Ou isto, ou a Santa Rita da mulher de João Gaio. Ou a conformidade de Sílvio Pélico¹⁶ ou as peregrinações à Virgem do Sameiro. Em patologia psicológica não há mais nada.

¹⁶ Sílvio Pélico, com a sua obra, *Le mie prigioni* (1832), tornou-se célebre em Portugal, até ao extremo de ser leitura das escolas primárias a partir da década de cinquenta e

Desencadeado o conflito, ele faz aflorar as debilidades e ainda os *vulcões de lama* das pessoas e ameaça com quebrar irremediavelmente a sociedade. Nessa sociedade há juizes, médicos, mestres, padres... (alguns pululam pela obra), que as mais das vezes não contribuem senão para tornar mais grave a situação. E, quando acarretam algum remédio, este é, como já anotei, ou parcial ou insuficiente.

Só a fe parece como remédio, mas umha fe que deve ter um agente poderoso para exercer a justiça divina. Não basta a fe de Balbina, quando (885) “já noite fechada, contra o seu costume, entrou Roberto em casa. Balbina, assustada da demora, estava orando, pedindo à Virgem que desviasse de encontros maus o seu homem”, vindo ele de receber a pior notícia e ao pior encontro que podia ter e que o vai matar; nem mesmo a de Quitéria ou a de Roberto. Só a do egresso, mesmo actuando só, abandonado por uns e recusado por outros que depositam, procurando o seu lucro, a sua confiança no seu reverso, o padre Leonardo, como acontece com Balbina ou com o grupo de Rato, Gaio e a própria Doroteia, como o padre lhe lembrará (959).

O egresso aparece, precisamente, quando Balbina começa a desenvolver irremediavelmente a sua loucura e desesperação, após andar oitos dias pelo Porto à procura do seu Artur, quem fora para a cidade depois de se recusar a casar com sua prima. Portanto, quando o conflito é inevitável e tudo vai estourar.

A apresentação do franciscano (incluindo um contraste da sua atitude com as leis humanas) não deixa dúvida de ser ele depósito e acção do *bem* no meio dos *vulcões de lama* prometidos e esperados na obra (877-878):

[Balbina] Daí a pouco entrou pela mística fervorosamente. Ia confessar-se e comungar a outra freguesia todas as semanas. Morava aí um egresso franciscano de muita fama, com a casa sempre, desde o apontar da manhã, num assédio de beatas encapuchadas, com as mãos cruzadas sobre o peito, cabelo à escovinha e o terror do

emblema da paciência. Já assim o mostra Almeida Garrett no capítulo IX das suas *Viagens na Minha Terra*. Por outro lado, o debate sobre os avanços científicos sobre o entendimento do modo de funcionar da mente estavam, na década de oitenta, muito na moda em muitos meios de comunicação. Nomes como os de Pierre Janet e Henry Maudsley eram muito conhecidos neste âmbito. A eles alude Camilo, por exemplo, em *A Brasileira de Prazins* (781).

Inferno nos olhos espavoridos. [...] O egresso, frei Joaquim da Cruz Sagrada, era um virtuoso, inteligente, discípulo conventual de frei Manuel do Cenáculo, valetudinário, austero consigo e indulgente com os outros, muito triste, cheio de saudade do seu cenóbio e da sua pobreza. Vivia como um professo, sempre amortalhado no seu hábito, por baixo do capote de cabeções, para não irritar a lei de Joaquim António de Aguiar, que o mandara despir o hábito e morrer nu, de fome e de injúrias. Sofria até às lágrimas, quando as consciências das suas confessadas se abriam como ventres pútridos perfurados por turbilhões de vermes.

O narrador vai dando provas das virtudes e qualidades de Frei Joaquim e de como elas enfrentam e tentam corrigir os desatinos da sociedade em que se move. Perante um mundo movido pela paixão, o desejo, a concupiscência, a fé de frei Joaquim é sempre equilibradora e reguladora, afastada de qualquer perfil irracional ou perverso. Numha inversão da classe de acusações de que a crença no sobrenatural e, particularmente, a Igreja Católica eram alvo por parte do racionalismo e dos sectores que literária e ideologicamente Camilo combatia, o agente divino aparece como o homem sensato e racional do seu meio, frente à irracionalidade dos aldeãos ou à inoperância da medicina, por exemplo. A morte de Roberto é precipitada por um mal diagnóstico e pior recomendação dos médicos que, quanto mais fazem, chamados pelo próprio frei Joaquim, é constatar a loucura de Balbina¹⁷.

¹⁷ Loucura que é também uma solução da providência, sempre providente, ao mal e o padecimento humanos. Os doudos não têm remorso, comenta o narrador (941), “não possuem o órgão desses tormentos, tecidos por mão da justiça divina. A providência, ao submergir uma alma nas escuridões sem aurora, atrofia no organismo do alienado aquela função, espécie de cadafalso íntimo [...] O doudo mata a sua mãe que o abraça [...]”. Loucura e morte são propostas aqui, e noutras obras de Camilo, como soluções da justiça divina ao mal humano, mesmo que elas, sobretudo a morte, sejam condenadas pela mesma moral católica que o autor invoca, forçando o código religioso em benefício dos seus objectivos ideológicos e ficcionais. Mesmo força a sua personagem, o egresso, a falar ou actuar de forma não congruente com a lógica misericordiosa com que ela está construído. Assim acontece nos desejos de morte para as crianças, para Roberto Rodrigues ou ainda para Doroteia, quando, acusadoramente, di a Artur na conclusão da obra, que, quando um homem desonra uma mulher (960) “melhor fora à desonrada, e menos odioso fora ao sedutor, matá-la de vez, se ela tem de rojar-se na lama até cair impenitente na enxerga do hospital...”, acrescentando, “Senhor Artur, há-de ouvir-me com paciência. Eu respeito os homens; mas não respeito os vícios. Sei que está presente; mas a minha consciência, tendo de o acusar, não o vê”.

A restauração da ordem social, do *bem humano*, por parte do agente da justiça divina cobra mesmo, no seu elemento profético, um valor estrutural para a narração. Com efeito, na narrativa de *Vulções*, como noutras, as invocações a Deus da parte dos seus agentes em relação a alguma personagem ou acção aparecem, primeiro, como de realização plausível e, desta lógica e na sua implicação no argumento e na estrutura da obra, a autoridade desses mesmos agentes (como transmissores da verdade ficcional, estrutural e real camilianas, incarnadores da Providência em que Camilo acredita) fica ainda reforçada, nessa simbiose entre a lógica justiceira divina e a poética. São os casos de Roberto e Balbina que encontram, por esta mediação, alívios à sua dor; naquele drástico, nesta lenitivo. Frei Joaquim, ao conhecer por Balbina a ida de Roberto para a casa da irmã, exclama: “Infeliz e honrado homem! Permita Deus que a sua dor lhe abra cedo as portas do Céu!”, o que logo se produz. Perante a

O assunto é importante para explorar a moral camiliana nas suas obras. Precisamente, é perante o sofrimento e muito particularmente o de inocentes quando assomam na sua obra as dúvidas sobre a crença e a justiça divinas (909): “Este egresso, discípulo de frei Manuel do Cenáculo, o arcebispo-filósofo, tinha às vezes umas reticências nas suas meditações ascéticas que faziam muito lembrar as tibezas de fé que assalteavam o seu ilustradíssimo mestre, o dilecto do Marquês de Pombal e seu dócil instrumento em algumas rebeliões reformadoras da Igreja lusitana contra as prescrições de Roma. Deslumbravam-no, de vez em quando, uns raios de luz mortificativos. Esses funestos lampejos de raciocínio tentador surpreendiam-no principalmente quando contemplava crianças lívidas de fome, andrajosas, trémulas de frio, vergastadas pela chuva e pelo norte, expiando sem culpa a vida crapulosa dos pais, ou compartilhando a miséria deles também irresponsável. Não podia duvidar que o criador via essas crianças, num recolhimento sem medo, estarecidas e escarmentadas pelo desprezo, à porta dos abastados à espera de um bocado de pão três vezesuplicado. Mas esse pão nem sempre, à terceira vez, descia dos opulentos celeiros do lavrador rico; enquanto que os filhos do opulento, nécios e fartos, passeavam muito alegres debaixo dos olhos do Senhor, misterioso nos seus desígnios. Era aquele augusto predicado ‘misterioso’ que lhe abria no espírito intercadências de tristeza, como se o anjo da Fé chorasse. Depois, vinha a reacção – o incesante milagre da reacção do dogma – a crença incondicional nos incompreensíveis desígnios do Senhor.” E é quando se manifesta o reforçamento da fé como único guia certo na vida, como acontece, pouco depois, quando a filha de Doroteia morre, como ele no íntimo desejava (917): “O egresso, que estava presente à última respiração da criança, disse com a serenidade augusta da fé: ‘Melhor está ela na Vossa guarda do que na minha, meu Deus! Bem sabéis que eu não poderia livrá-la dos precipícios da avó e da mãe. Bendito sejas, Senhor!’”

desonra pública padecida por Roberto e Balbina, a atitude do mundo será a mesma para os dous: a burla, a chacota ou o desprezo. Esse mundo nom oferece soluçom ao problema gerado. A soluçom era manter os comentários censuradores com a condiçom de eles nom chegarem a Balbina e, sobretudo, a Roberto, quem acabaria por conhecer umha verdade que o destroçaria: simplesmente, o vulcám mantinha-se inactivo e assim poderia continuar. Ora, essa soluçom é quebrada. Entom, a justiça divina sim oferece soluções, e diferentes num caso e noutro: para o inocente Roberto a morte, porque nom poderia viver naquele mundo sem sofrer extremamente. Para a culpada Balbina, a loucura expiadora do seu pecado¹⁸. O agente dessa justiça propom a fé frente ao proceder do mundo que a rodeia. A Balbina quer que frei Joaquim fale ao homem, para evitarem ser a chacota de todo o mundo, que é a atitude humana frente ao desejo transgressor. O padre oferece o consolo da fé, a expiaçom do mal, e até anuncia, mais umha vez estruturalmente, o decorrer de acontecimentos futuros (888):

– Minha filha – admoestou o confesor –, pense mais nos suplícios da eternidade que na chacota do mundo, e mais no amor de Deus que no desprezo de toda a gente. Salve-se a si pelo arrependimento e pela confiança na divina misericórdia, e deixe lá estar onde está seu marido, *deixe-o morrer ou viver sossegado*, se isso é possível. Confie que ele há-de perdoar-lhe; mas *não espere que a chaga da desonra se feche tão depressa*¹⁹, nem que eu possa fazer milagres.

Pouco depois, conhece-se a notícia da morte de Roberto. A “chaga da desonra” parecerá fechar-se só ao final da obra com soluções relativamente satisfatórias para os protagonistas e depois de muito sofrimento.

¹⁸ (879-880): “Não era a perversão dos nervos vibrados pelo dinamismo da estupidez supersticiosa que atormentava aquela penitente. O filho convertera-se-lhe em expiação, quer o considerasse vivo e cruamente ingrato, quer assassinado ocultamente. Como filho do crime, constituíra-se na mão de Deus o flagelo incessante do seu coração de mãe, ou a tortura sem repouso da sua consciência de mulher casada. Não acreditava que Deus lhe houvesse perdoado enquanto lhe não restituísse o filho. O inferno de o perder queimava-lhe o corpo e a alma; o outro inferno de além-túmulo quase que a não preocupava. Para esse iria ela voluntariamente, se lá estivesse o seu Artur. [...] ela expiava com rezas, com jejuns, cilícios, humildades abjectas ao marido, esmolas excedentes aos seus recursos.”

¹⁹ Os itálicos desta e da seguinte citaçom som meus.

Quando Artur é dado por morto e assim o crê também Balbina, frei Joaquim garante-lhe que verá seu filho, dando assim esperança a mai, esperança que acaba por materializar-se (913):

– Verá – respondeu o padre com solenidade, *como se escutasse a resposta vinda do futuro misterioso*. E a firmeza da palavra, proferida num *tom transcendente de profecia*, arraiou no semblante de Balbina uma claridade instantânea em que a sua razão transluzia. Erecta, em transporte de fé, voltou-se para o Senhor crucificado com as mãos postas, e as pontas dos dedos na barba, em oração mental. E o egresso, antes que aquela lucidez desmaiasse, prosseguiu na missão de instalar ali a criancinha.

A mesma criancinha, aliás, a quem o padre quer salvar, tentando convencer Balbina de acolhê-la na sua casa. Quando por fim o consegue, é tarde demais: a filha de Doroteia morre, como também os filhos da Lemenha. Mas já esta soluçom aparecera como a melhor e a plausível, ao ser invocada por frei Joaquim: vendo a pobreza e a miséria em que viviam os filhos da Lemenha e a filha de Doroteia, atacados por doenças, o padre secunda o pedido da Lemenha de Deus fazer-lhe a “esmola” de levar-lhos todos (908): “E a eles ainda maior... – disse o padre contemplando os doentinhos com muita pena”. E, ao sair da casa (909), “o padre ia cogitando consigo: “Se Deus levasse também a criancinha de Doroteia... Se Deus levasse todas as criancinhas infelizes pela miséria e pela vida pecaminosa dos pais...”

O padre nom pom sempre de parte as soluções humanas. Tenta-as por vezes, e elas acabam por ser ineficazes. Recorre à medicina em alguns casos (no da loucura de Balbina, no das criancinhas ao cuidado de Lemenha, etc.), e mesmo à justiça institucionalizada, explicitamente invocada frente à hipótese da divina. Quando o egresso conhece o estratagemma de Rato e Gaio para obter o dinheiro de Balbina (938):

[...] vacilou no que lhe cumpria fazer civil e religiosamente. Ele era bastante eclético na escolha dos seus auxiliares em correcção de vícios e de maroteiras. Às vezes, não invocava a justiça divina, e seguia os processos da justiça humana, como mais expeditivos, e menos sujeitos a tergiversações dos dogmas. Este é um dos casos. Em vez de pedir aos justos Céus que fulminassem João Gaio, Toqueriné e companhia, foi ao Alexandre de Pinho, juiz ordinário, pedir-lhe que intervisse funcionalmente no roubo que se tramava no meio de uma escritura de doação em que figurava como doadora uma mentecapta.

O juiz di-lhe que a doaçom nom poderá ter força legal e que nom fai falta intervir. Finalmente, erra e a doaçom é feita. Mais umha vez, a soluçom humana é inadequada ou piora a situaçom, ainda que depois e com a doaçom efectivada, como vimos, o próprio frei Joaquim pondera a Artur ser melhor deixar as cousas como estavam. Quando se trata de soluções transcendentales, o padre é o único que sabe o que fazer frente à desorientaçom do resto, incluído o próprio Alexandre de Pinho. Assim é apresentado por este, na conclusom da obra, ao Artur, conversando sobre que ham de fazer para pôr fora da casa a Doroteia e o José Rato (957-958):

– Que quer então o primo Alexandre? Que a deixe na posse tranquila do que é meu, e que me retire?

– Não quero isso. Nós precisamos de uma terceira pessoa que nos indique o melhor expediente. Essa terceira pessoa é quem eu estou esperando. Lembra-se perfeitamente do frei Joaquim da casa do Penedo...

– Bem sei... um jesuíta.

– Não. Frei Joaquim era franciscano.

[...] Olhe que fui eu quem obstou a que frei Joaquim impedisse a doaçom [...]. Já vê que o frade não só está inocente nessas traficâncias, mas até protestou contra elas.

Frei Joaquim inverte o sentido *humano* do conflito gerado pola doaçom e converte-o em soluçom divina (961):

Uma esmola feita a uma rapariga pobre, que tinha um dote, e o perdeu no jogo das paixões com um parceiro que usou de fraude para lho ganhar. Uma esmola, não feita pela douda, mas por uma influência misteriosa, um imprescritível manejo da Divina Providência que se compraz em pôr o bálsamo nas chagas que ficam sempre em aberto à conta de quem as abriu.

O agente da justiça divina nom apenas restaurará um mundo, mas também evitará com a sua proposta e açom que este se destrua irreversivelmente. Mesmo antes de aparecer em casa de Alexandre de Pinho, recebe a visita de Doroteia, querendo ela, ainda que, débil, nom podendo, evitar mais umha vez a desgraça e a desestabilizaçom no seu mundo advertindo que o Rato quer matar o Artur (959): “Ai, Senhor frei Joaquim, que desgraça, se eles se matam uns aos outros!...”. “O egresso mandou-a embora – que ia ver o que poderia fazer-se com o auxílio de Deus, e saiu a tempo que a égua e mais o criado de Alexandre apontavam no cotovelo do caminho”.

“Com o auxílio de Deus”, Frei Joaquim, que aparece como o homem de maior e mais determinante fe na obra, é, ao mesmo tempo, o menos crédulo dos seus concidadaos: perante a notícia, assumida por todos, da morte de Artur no Brasil, ele nom acredita e acaba por averiguar que Artur está vivo. Frei Joaquim combate sistematicamente o fanatismo, interiorizado no mundo aldeao em que se move, condenando-o e nunca se aproveitando dele. O narrador informa da sua retirada durante algum tempo do confessionário ao perceber que o conjunto de beatas que o assediava nom se arrependia realmente e que actuavam movidas por puro fanatismo; ele está em contra dos exorcismos e de acreditar em falsas revelações e *corpos abertos*, razom porque nunca admitira a Toqueriné (879): “no tribunal da penitência, por considerá-la, não perversa, mas metecapta, sem a inteligência lúcida requerida para o acto sacrossanto da comunhão”; e, acrescenta criticamente contra a deixadez ou indiferença dos poderes humanos, “lastimava que as autoridades civil e eclesiástica nom recolhessem aquela pobre criatura sandia a um hospício de alienados”. “Que boafe e candura de santo!”, sublinha o narrador. Quando morre Roberto e Balbina e as carpideiras redobram os prantos ao ver entrar frei Joaquim, ele recomenda à viúva, nom despesas ingentes pola alma do finado, como quererá o padre Leonardo, mas que (900):

As orações em silêncio valem mais às almas dos mortos que os gritos, Senhora Balbina. O seu primeiro dever de viúva é mandar a Espinho buscar o corpo de seu marido; cuidar-lhe da alma e dos sufrágios; e depois converter a sua paixão em preces constantes ao Altíssimo, oferecendo-lha, como alívio das penas temporárias da alma do seu homem.

– Sim senhor, sim, senhor – murmurou a viúva, sofrendo o fervor dos soluços.

Balbina, apesar dos esforços de frei Joaquim, endoudece de vez. A falsa notícia da morte de Artur abala a frágil saúde da mulher, que nom é sensível já ao desmentido do egresso (928-929):

Está perdida!, dizia o padre, vendo malograr-se todo o esforço que empregara para ir amparando aquela frouxa luz vasquejante, com o amor de alguém que tomasse à sua conta restaurar o coração da desgraçada pecadora. A netinha morrera, fugira como um anjo que não queria manchar as suas asas na torpitude daquela família.

Frei Joaquim calculava que Doroteia se atiraria outra vez “às garras do vício” e Artur (cujas casta interceptavao irmão de José Rato) ou estava morto ou era um monstro desprezando a mãe. O egresso recorre a um médico, que recomenda enviá-la para Rilhafoles, “mas sobretudo, Senhor padre Joaquim – acrescentou o doutor –, muito cuidado com a religião, nada de fanatismo, nada de lhe incutir que o filho está à espera dela à porta do Céu. Desculpe...” (929-930):

– Está desculpado, Senhor Doutor – obtemperou o egresso. – A religião que eu tenho empregado no curativo desta alma é santíssima e estreme de fanatismo. Andei a ver se pelas veredas luminosas da caridade a levava à quietação da alma perturbada por amarguras que a minha obrigação de confessor me manda calar. Nada consegui. A religião sacratíssima de Jesus poderia produzir melhores frutos espirituais, ministrada por outro sacerdote; mas eu não pude sequer colocar ao lado daquela pobre enferma uma parenta, uma amiga que lhe amparasse a cabeça nas ânsias da agonia. Enfim, não há que esperar. É deixá-la sofrer e morrer.

– Morrer, sim; ora, agora, quanto a sofrer, ela não sofre nada. Convença-se de que a massa cerebral desorganizada não tem a sensibilidade dos órgãos sadios. Tem sonhos. Sabe o que é um doudo? É um sonhador permanente. Deixe-a sonhar, no seu sepulcro, viva, até que acorde no turbilhão eterno da matéria desagregada.

– Eis aqui um sincero materialista! – disse entre si o egresso. – *Praxa a Deus* que seja verdade o que ele diz – que a pobre mulher sonhe sem sofrer; e não acorde jamais, se a razão lhe há-de ser um flagelo como foi até a dementar. *Praxa a Deus!*²⁰

O padre tem mesmo que substituir os humanos quando estes, em função das suas regras dominantes e como consequência dos erros cometidos, têm que abandonar as que se julgam as suas missões primárias e ineludíveis: Doroteia, expulsa da casa por causa da sua gravidez e, depois, da sua recusa a enjeitar a filha, não tem meio de mantê-la. Tem que ir servir como ama de cria a umha casa do Porto, num trabalho arranjado por frei Joaquim, mas ela, erradamente e mal aconselhada, deixa a filha ao (mal) cuidado da Lemenha. O padre encontra-se com ela, garantindo que ele cuidará da filha (ainda que, finalmente, não poderá evitar a sua morte) (897-898):

– Vem cá, rapariga. Já sei que vais hoje ganhar a tua vida.

– É verdade, Senhor frei Joaquim... São sortes...

²⁰ Itálico meu.

– Fazes bem: as más sortes emendam-se com a paciência e com a virtude do trabalho. Deves agenciar o futuro pão de tua filha; mas olha... não escolheste com acerto a casa onde a deixas.

Ela arrepende-se dizendo que foi a tia Joana quem lha arranjou. Frei Joaquim assume o cuidado da filha:

– Pois não te arrependas que eu cá fico a vigiar a tua *Maria*, não é? Já sei que a baptizaste com o nome santíssimo da mãe de Jesus Cristo; pois a Virgem *Maria* vá contigo, e eu cá estou de sentinela à rapariguita.

A *Maria*, filha e neta inocente, é atribuída a regeneração dos seus antecessores culpados, mas a sua prematura morte faz com que não possa vir a cumprir esse objectivo; o intermediário divino frei Joaquim assim o calcula ao tentar convencer a Balbina de que acolha a sua neta (915):

É preciso que venha para ali o anjo a quem eu hei-de ensinar a pedir a Deus por nós. Dir-lhe-ei que há uma alma muito necessitada de orações; e, orando ela conosco, seremos três a pedir à misericórdia divina a salvação de um grande pecador, responsável da morte de seu marido e das suas imensas dores, Senhora Balbina.

O padre, comenta o narrador, pensava que quando Artur voltasse “a sua regeneração começaria ao pé daquele berço. Há na religião de Jesus, e em todas as religiões amáveis com as crianças, caudais de santíssima poesia”.

Frei Joaquim comporta-se como o autêntico educador e regulador social do mundo em que está inserido. Depois dum parlamento em que coloca Doroteia como vítima e boa mãe, ao mesmo tempo, como mulher que sempre o amou e protegeu Artur. Frei Joaquim, consegue que este considere válida a doação feita pela sua mãe, louca, a Doroteia e, consequentemente, a José Rato (961-962). E, apelando à justiça divina, fala da doação, ou, melhor, da *esmola*, como dumha reparação: “uma esmola, não feita pela douda, mas por uma influência misteriosa, um imprescrutável manejo da Divina Providência que se compraz em pôr o bálsamo nas chagas que ficam sempre em aberto à conta de quem as abriu”. O egresso converte as más acções humanas em reparações e actos de justiça umha vez que iluminados à luz da vontade divina. É assim como o egresso apresenta a fraude toda da alma do filho que fala a mãe por meio da Toquerinê e o engano fabricado por Rato e Gaio, secundado pelo padre Leonardo (962):

Estava douda? Não importa. Imagine que Deus concedeu à douda um instante de razão para que ela beneficiasse, primeiro, uma filha de sua irmã quando se dizia que

seu filho era falecido; segundo, uma sobrinha que fora desonrada por seu filho, sob promessa de uma reparação; terceiro, uma boa e cândida criatura que, na hora em que se planejava a morte do amante, lhe pedia que fugisse e a abandonasse, mas lhe não desamparasse a criança, se viesse a nascer; finalmente, uma esmola do Senhor Artur feita a sua prima que, há poucas horas, prostrada a meus pés, me dizia... nem eu sei o que me dizia... devia ser talvez que viesse eu aqui também rogar-lhe que não tirasse a esmola a sua prima Doroteia, que lhe não disputasse esse bocado de pão que ela come do que sobeja à grande fortuna do Senhor Artur.

Para, logo a seguir, “levantando-se, trémulo, com as lágrimas na voz”, invocar o pedido como um acto solene, supremo e de fé (“Senhor Artur, não tenho mais que pedir, senão que me perdoe esta rudeza de uma velha consciência que não pode fechar-se, quando vai abrir-se o livro do Supremo Juiz para lhe pedir contas”) e conseguir o transporte e a anuência do antigo devasso, o qual comove frei Joaquim e entusiasmo Alexandre de Pinho.

A intervenção divina é mesmo regeneradora. Artur, apesar da sua atitude e biografia e de que nunca sua mãe nem seu pai responderam às suas cartas (por causa do seqüestro das mesmas a que procedia o irmão do José Rato), quer visitar a mãe. Quando chega à casa, abraça a velha criada, que, perante tanta desgraça, tinha pedido a Deus que a levasse, mas “o Senhor não quis que eu morresse, sem o tornar a ver...”. Quando Artur é anunciado a Balbina, esta, na sua alienação e inanição, julga ser o corpo do filho o que lhe é anunciado. O egresso recorre à intervenção divina, para que o filho seja reconhecido pela mãe: “— E pondo as mãos, o egresso orava: — Fazei o milagre, meu Deus! Mandai um raio da Vossa luz a esta alma escurecida!”

A louca, muito de manso, num passo receoso, como a ter medo de um fantasma, abeirou-se do filho. Ele avançou para abraçá-la. A mãe recuava, a tremer, com as mãos abertas, convulsas, a defender-se do contacto do espectro. Depois, aproximou-se outra vez, vacilante, muito tímida, e palpou-lhe o rosto com as mãos, uma em cada face, a acariciar-lhas, sorrindo-lhe com meiguice, mas sem um gemido, sem um grito, sem lhe proferir sequer o Nome (964):

— Não me conhece, minha mãe? — perguntou Artur, apertando-a ao peito com extrema ternura.

Ela retraiu-se a fitá-lo, a fitá-lo, ora com um sorriso, ora com um assombro de pavor; mas não respondia.

Nas faces do filho rolaram então duas lágrimas. Era a primeira vez que chorava. Aquelas duas lágrimas eram dois diamantes, os únicos que saíram num jacto de lama do vulcão.

Este é o final do capítulo intitulado “Conclusão” e da obra. Nele, na estrutura convencional do romance a que Camilo nom foge, espera o leitor alguma chave interpretativa do romance. Certamente, todo parece indicar que de alguma maneira e no meio da loucura, a mãe reconhece o filho, entre apavorada (por julgá-lo morto) e satisfeita, na sua carícia e no seu sorriso e que, assim, voltando a vê-lo, como ficara indiciado, a sua culpa ficava redimida. Ora, no objectivo desenhado por Camilo desde o início, se o leitor ficasse com a certeza da anagnórise e da conseqüente reconciliação de mãe e filho (e, por fundamental acréscimo, do mundo que até aí tinha sido um vulcão de lama) aquele nom seria atingido. O próprio símil do vulcão indica o de um fenómeno adormecido que pode explodir em qualquer momento e que *nunca* se pode paliar de todo, como poderia insinuar a tal regeneração certa de Artur. Ela fica em suspenso. Do ponto de vista em que me venho situando, o fundamental da cena nom está na existência ou nom da anagnórise, mas no facto de sensibilizar o filho em relação a mãe, de fazer variar a sua atitude. Nessa atitude da ternura e das lágrimas fica expressa umha espécie de possível regeneração, motivada pelo sofrimento, pelo martírio, da mãe e a intermediação de frei Joaquim, capazes de deixar pairar como interpretação essa regeneração.

Mas é, claro, como Camilo costuma desenhar, a ilusão dumha solução a que aqui está, ilusão bem patenteada em reflexões como a de Jacinto do Prado Coelho, ao comentar este final (1983: 177) “fecho romântico, patético, de molde a abalar a corda sensível do leitor, a compensá-lo da charra pintura dos instintos; na lava, o brilho fugaz do diamante”. Existe a aparência do remédio, emanado dumha força externa aos protagonistas, da justiça divina. Nada se remedia definitivamente, porque o vulcão pode expulsar a sua lama quando atitudes como a de Artur se repetirem. Mas, sobretudo, o remédio é impossível: vários membros dessa comunidade já nom estão para recebê-lo: nem o lavrador Roberto Rodrigues nem a sua neta Maria: as únicas personagens inocentes e boas de *Vulcões de lama*, levadas pela morte emanada da Divina Providência, como única (e plenamente insatisfatória) solução a seus pade-

cimentos. A concupiscência vai aniquilando a bondade irreparavelmente. Os que som apresentados como causantes da catástrofe, Hilário e, especialmente, Artur, ficam na impunidade (sobre eles, nom recai peso da justiça, nem humana nem divina). As mulheres sofrem de maneira excessiva polo mal que cometerom ou ainda por nom tê-lo cometido, casos de Balbina, Doroteia e Quitéria. Rato e Gaio também reparam o seu sofrimento.

Nesta, como na maior parte das suas obras, Camilo nom tem umha tese a demonstrar. O seu objectivo fundamental é impressionar o leitor, por qualquer maneira, e a esse objectivo subordina, por vezes com notória incongruência, todos os materiais e estruturas que utiliza. É, portanto, na lógica da estrutura da obra (mais em concreto, na simbiose entre estrutura e actantes) e, menos, nas apreciações ou até nas suas intenções declaradas, do narrador, onde devemos procurar a mundivisom, o conjunto ideológico que eventualmente pode incidir nos seus receptores. É na açom dos padres como agentes da justiça divina onde radica umha das poucas coerências camilianas ao longo da sua obra, por cima doutras, como tentei mostrar noutra lugar (Torres Feijó 2003b). Ao extremo de ela costituir a coluna vertebral da mundivisom camiliana e nom, por exemplo, o amor, a paixom, ou o desejo. Estes som naturais condutas dos seres humanos, que ham de ter sempre a correçom, a legitimaçom ou a sançom divinas e que devem harmonizar-se com o mundo vertebrado pola religiom católica. Os padres nom jogam apenas um rol consolador perante a inevitabilidade da insuficiência humana; som os autênticos agentes sociais que dotam de estabilidade o mundo e evitam a sua quebra definitiva. A ideologia política desses padres pode ser variada; nom assim as ideias que transmitem e as ações que levam a cabo, derivadas da sua crença e açom religiosas: som sensatos, conhecem o mundo e os seus avanços, que usam oportuna-mente, racionalistas que conciliam os avanços com a fé, etc., mas é esta, consoladora, a trave mestra desse mundo²¹. E o equilíbrio que eles permi-

²¹ Nada há, pois, do “ressentimento perante Deus” de que falava o Mestre Jacinto do Prado Coelho, polo contrário; nem é singular a alegada “aridez, a secura da alma, a visão cínica dos homens” que “vão marcar a prosa e os versos dos últimos livros: *O General Carlos Ribeiro, Vulções de Lama, Nas Trevas*” (1982: 87), se as contrastarmos com obras anteriores. Penso que estas reflexões som fruto do discurso habitual sobre Camilo, segundo o qual, viveu céptica e amargamente os seus últimos anos, o que transpareceria na sua obra.

tem, que a fé garante, nom é sinónimo de justiça social; é sinónimo de ausência de conflitos que perturbem o *modus vivendi* tradicional, neste caso, das terras de Fermedo. Equilíbrio e estabilidade sociais nom som sinónimo de justiça.

Camilo, mais que romântico, *contador de cousas* românticas, apresenta um cepticismo mais próprio dum moralismo antigo e reaccionário, talvez compadecido com algumha tendência do Romantismo conservador, mas relativamente singularizado. E no seu último romance, *Vulções de lama*, o desejo é um sentimento espúrio e, em ocasiões, até perverso. Frente ao que poda parecer, na suas obra o desejo, a paixom, o amor, os mais fortes sentimentos humanos, nom forom motores de mudança e melhor viver. Só resta o pano de fundo da fé em Deus. E a justiça divina é umha ilusom num mundo sem remédio e cada vez mais pervertido; mas, isso é, é umha ilusom consoladora.

Referências

- Branco, Camilo Castelo (1923). *Cartas de Camilo a Eduardo da Costa Santos*. Porto: Livraria de Fernando Machado.
- Cabral, Alexandre (1984). *Estudos Camilianos - I*. Porto: Inova.
- Coelho, Jacinto do Prado (1982). *Introdução à novela camiliana*, vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Coelho, Jacinto do Prado (1983). *Introdução à novela camiliana*, vol. II. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Mindlin, Dulce M. Viana (1995). Paixão: doença ou fado? In: João Camilo dos Santos (ed.), *Camilo Castelo Branco no centénario da sua morte*. Santa Bárbara: University of Califórnia, 84-96.
- Rebelo, Luís de Sousa (1951). Camilo e a crítica idealista. *Bulletin of Spanish Studies*, XXVIII: 3-38.
- Seixo, Maria Alzira (1995). Modelos passionais da narrativa camiliana. In: João Camilo dos Santos (ed.), *Camilo Castelo Branco no centénario da sua morte*. Santa Bárbara: University of Califórnia, 75-83.
- Silva, Inocência Francisco da (1858-1862): *Dicionário bibliográfico português: estudos*, 7 vols. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Torres Feijó, Elias J. (2003a): *La brasileña de Prazins*, de Camilo Castelo Branco. Edición, notas, bibliografía e tradución. Madrid: Cátedra.
- Torres Feijó, Elias J. (2003b): Padres como agentes da (irre-)solubilidade dos conflitos em Camilo: Contributo para a mundivisão e a funcionalidade ficcional camilianas. Ponência no Colóquio “A Personagem na Novela Camiliana”. Vila Nova de Famalicão.